



Editorial – A muitas e dispostas mãos: a atividade de parecerista em um periódico discente

Andressa Antunes¹ 

Pedro Leal Gomes² 

Pedro Henrique Batistella³ 

Riler Barbosa Scarpati⁴ 

INTRODUÇÃO

1 Professora contratada na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e Doutoranda em História no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGHIS-UFOP). E-mail para contato: andressa.antunes@aluno.ufop.edu.br

2 Doutorando em História no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGHIS-UFOP). E-mail para contato: pedro.lg@aluno.ufop.edu.br

3 Doutorando em História no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGHIS-UFOP). E-mail para contato: pedro.batistella@aluno.ufop.edu.br

4 Doutorando em História no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGHIS-UFOP). E-mail para contato: riler.scarpati@aluno.ufop.edu.br

5 Citado por ANASTÁCIO DE PAULA; ARAÚJO; OLIVETO; MENDES, 2021b, p. 10.

“A reputação de um pesquisador se constrói não só pela qualidade dos seus artigos, mas também pela qualidade da sua revisão nos textos dos pares”.⁵

– DESLANDES; SILVA, 2013, p. 421.

Em fevereiro de 2025, a Escola Nacional de Administração Pública (ENAP) divulgou um curso gratuito, digital e com certificação, intitulado *Avaliadores de Artigos Científicos*. Com um conteúdo objetivo, *palatável* e bem referenciado, o curso almeja capacitar avaliadores de periódicos científicos com o conhecimento técnico e comportamental considerado adequado e bem-quisto para a elaboração de pareceres científicos. Segundo seu texto de apresentação, o curso pretende que o parecerista desenvolva

um olhar crítico sobre a atividade de avaliador, não numa posição de poder – aquele que decide o destino de um texto –, mas numa posição de contribuição para que a informação divulgada como conhecimento científico seja de qualidade e contribua para o desenvolvimento da sociedade (ANASTÁCIO DE PAULA; ARAÚJO; OLIVETO; MENDES, 2021a, p. 4).

Em função desse objetivo, o material didático do curso constitui-se de orientações sobre as etapas do processo editorial, bem como de discussões acerca dos aspectos objetivos e subjetivos que incidem sobre atuação do parecerista. Nesse sentido, o curso potencialmente extrapola o seu público-alvo inicial, tornando-se também de grande valia para todas as pessoas que, de algum modo, lidam com publicações científicas: leitores, autores, editores e, evidentemente, avaliadores. Percebe-se, afinal, que qualquer uma dessas atividades está amiúde acompanhada de mais alguma(s) das

outras e que, por essa razão, considerações sobre o ofício de avaliador tendem a ser profícuas em diversos sentidos e para diversas pessoas.

Para a Comissão Editorial da (ENTRE)LINHAS, o curso subsidiou reflexões sobre o papel dos(as) pareceristas que atuam, especificamente, em uma revista discente. Em relação ao processo de avaliação dos manuscritos, parece-nos que as revistas discentes – e/ou aquelas de fundação recente – enfrentam desafios semelhantes àqueles expostos no curso, os quais se impõem, em geral, a revistas de fundação mais antiga, e/ou mantidas por e para doutores. Contudo, parece-nos também que, no caso das revistas discentes, tais desafios são acrescidos de outros, decorrentes da própria natureza e objetivo desse tipo de periódico. Isto é, o fato de ser produzido por discentes e orientado especialmente a essa comunidade.

Para desenvolver melhor essa hipótese, nas próximas páginas deste editorial, discutiremos algumas das observações do curso *Avaliadores de Artigos Científicos*, destacando sua pertinência, em especial, para uma comissão editorial discente. Começaremos por mencionar a importância histórica e estrutural da atividade de parecerista para o campo acadêmico, ressaltando as dimensões objetiva e subjetiva que incidem sobre a realização de um parecer científico, bem como os aspectos positivos e negativos delas decorrentes. Proporemos, ainda, uma observação verticalizada dos desafios que parecem se impor particularmente às revistas discentes, e/ou de fundação recente. Tais dificuldades não possuem uma raiz unívoca, conquanto uma geralmente seja decorrente da outra; do mesmo modo, a solução para alguma delas pode acabar por ampliar os efeitos negativos de outra, haja vista que constituem uma rede de desafios, interligados por núcleos autônomos e, ao mesmo tempo, conectados. Por fim, na última seção, abordaremos as estratégias que temos praticado enquanto Comissão Editorial, com o objetivo de sanar – de modo sempre parcial – as dificuldades enfrentadas nos processos de avaliação dos manuscritos.

A ESPINHA DORSAL DA CIÊNCIA: UM PROCESSO FORMATIVO DE MÃO-DUPLA

No século XVII, o surgimento das revistas científicas respondeu à necessidade de se aprimorar a circulação dos resultados das pesquisas. À diferença do compartilhamento das investigações por meio de cartas, que alcançavam um pequeno número de leitores, e se restringiam particularmente à comunidade já conhecida pelos pesquisadores, e à diferença dos livros, que demandavam maior investimento material, as revistas científicas permitiram o registro, a circulação e o acúmulo sistemático quase imediato daquilo que os pesquisadores produziam.

Esses instrumentos de comunicação científica viabilizaram, ainda, maior grau de verificação da qualidade das pesquisas, quando passaram a exigir a

aprovação prévia dos manuscritos pelos pares. Esse processo de controle de qualidade é decorrente do aprimoramento da ideia de método científico, para cujos idealizadores a qualidade dos resultados divulgados deveria ser verificada a partir da razoabilidade da metodologia empregada. Nesse processo, caberia aos pesquisadores de cada uma das áreas das quais as pesquisas fazem parte – os pares – a tarefa de validar os seus resultados, com base na pertinência da metodologia adotada nas investigações (ALBUQUERQUE, 2009).

Embora a atividade de parecerista seja parte fundamental da história dos periódicos científicos, a verificação prévia dos manuscritos não é prerrogativa exclusiva desse tipo de publicação. Na verdade, esse sistema é estruturante da própria ciência, e é o que atribui, afinal, o crivo de qualidade aos trabalhos. Um manuscrito publicado em revista científica avaliada por pares dispõe, na prática, de maior credibilidade perante a comunidade acadêmica pelo fato de ter sido previamente verificado, antes de sua publicação. O mesmo ocorre com projetos de pesquisa, monografias de conclusão de curso, dissertações e teses: para que esses trabalhos sejam integrados às demais produções da comunidade acadêmica, em geral, passam por um processo de discussão e de avaliação pelos membros de uma banca, composta pelos pares.

Essa dinâmica de controle de qualidade contribui para que os manuscritos sejam melhor recebidos pela comunidade científica. Potencialmente, eleva o nível de prestígio de seus autores e, ao mesmo tempo, reforça a reputação dos pareceristas, reconhecidos como integrantes de comitês avaliativos. Nesse sentido, a avaliação prévia dos manuscritos constitui um processo formativo de mão-dupla, que beneficia autores e avaliadores igualmente. E é essa concepção do beneficiamento mútuo que motiva a atuação dos pesquisadores como avaliadores em periódicos científicos.

PODER E PRESTÍGIO NA ATIVIDADE DE PARECERISTA, E OS DESAFIOS ACENTUADOS NAS REVISTAS DISCENTES

Termos como prestígio e reputação, citados anteriormente, revelam a dimensão subjetiva que pode incidir sobre o processo de avaliação de um manuscrito. O grau de subjetividade pode ser mitigado, ou potencializado, a depender do tipo de avaliação praticado pela revista. Na revisão dos trabalhos, as revistas podem adotar o processo duplo-cego, no qual as autorias do manuscrito e do parecer não são identificadas – caso da (ENTRE)LINHAS. Há também a modalidade simples-cego, na qual somente a autoria do manuscrito é conhecida pelo avaliador, mas a deste não é conhecida pelo autor. Outra modalidade é a revisão aberta, em que a autoria do manuscrito se torna conhecida pelo parecerista, e vice-versa.

Decorrem de cada uma dessas modalidades de revisão aspectos considerados positivos e negativos a incidir sobre a apreciação dos trabalhos.

Contudo, no caso da revisão aberta, a dimensão negativa parece ser considerada virtualmente maior. Segundo o material didático do curso *Avaliadores de Artigos Científicos*,

há aqueles [pesquisadores] que a criticam justamente por julgarem que essa proximidade faz com que os avaliadores sejam menos críticos por receio de se exporem (especialmente quando se trata de avaliadores mais jovens) e por dar aos autores a oportunidade de influenciarem ou pressionarem os avaliadores (e mesmo de se estabelecerem disputas entre ambos).[...] Uma das questões relevantes em relação às revisões por pares abertas ou simples-cego [...] é viés de gênero, sexo ou étnico-racial. Há muitos estudos mostrando uma menor propensão a financiar, promover e publicar a produção de mulheres e minorias. [...] Esse argumento pesa bastante em favor dos modelos de revisão por pares nos quais as identidades dos envolvidos estão ocultas (ANASTÁCIO DE PAULA; ARAÚJO; OLIVETO; MENDES, 2021c, p. 4).

Nota-se que boa parte dos aspectos negativos potencialmente advindos da modalidade de revisão aberta ou da simples-cego revela o alto grau de subjetividade constitutiva da elaboração dos pareceres. As hipóteses do receio, da influência e, inclusivamente, do preconceito em relação a trabalhos produzidos por minorias se fundam em temores, práticas ou concepções pessoais de cada um dos envolvidos no processo editorial – embora, no caso do preconceito, atue também uma dimensão histórica e cultural de estigmatização. Por essa razão, há quem argumente contra a avaliação prévia dos manuscritos pelas revistas, em função do tempo demandado pelos avaliadores, dos possíveis atrasos, e dos aspectos subjetivos e comportamentais antiéticos que podem prejudicar a imparcialidade das avaliações (ANASTÁCIO DE PAULA; ARAÚJO; OLIVETO; MENDES, 2021b, p. 4).

Os conteudistas do curso afirmam, contudo, que a presença de pareceristas no processo editorial das revistas científicas, também por razões objetivas e subjetivas, é o elemento que tende a garantir a continuidade destes periódicos. Entre as razões subjetivas, o material didático do curso aponta a “criação de um círculo virtuoso” a partir da avaliação prévia dos manuscritos, que acaba por sustentar a produção científica. A qualidade das avaliações dos trabalhos se mostra na qualidade dos artigos publicados, e isso atrai bons pesquisadores, por considerarem que o público leitor irá transpor a credibilidade do periódico ao seu artigo.

Se, por um lado, a peça fundamental para que se estabeleça esse “círculo virtuoso” é a atuação de pareceristas dispostos e competentes, por outro lado, a natureza voluntária dessa atividade é o que põe em risco a sobrevivência dos periódicos e da própria ciência. A maior facilidade de publicação, recentemente ocasionada pela digitalização das revistas científicas, tem demandado a

contribuição de um número cada vez maior de pareceristas. Na contramão disso, a ausência de remuneração dessa atividade opera em desfavor das revistas, especialmente quando somada à sobrecarga de trabalho. E a sobrecarga ocorre, em geral, devido ao número relativamente baixo de pesquisadores que dispõem de todos os aspectos caracterizantes de um bom parecerista:

Em termos ideais, precisa ser competente na área de que trata o artigo e em metodologia científica. É conveniente que disponha de base sólida de conhecimentos sobre delineamento de pesquisas e análise de dados. Também deve estar familiarizado com avaliação do efeito do acaso e identificação de vieses. O trabalho do revisor é assinalar eventuais falhas e sugerir formas de aperfeiçoar o texto. Se possível, fornecer comprovações para as afirmações que faz. O bom revisor é pontual e cortês. Exerce papel de educador, quando a situação assim o requerer, emitindo comentários construtivos e sugestões para melhorar a apresentação do artigo⁶ (PEREIRA, 2011, p. 544).

5 Citado por ANASTÁCIO DE PAULA; ARAÚJO; OLIVETO; MENDES, 2021b, p. 9.

Pesquisadores que possuem essas características costumam ser procurados pelas revistas, que preferem não correr o risco de designar pareceristas possivelmente impontuais ou antiéticos. Assim, conforme destacaram os conteudistas do curso, com base no livro *Artigos científicos: como redigir, publicar e avaliar*, de Maurício Gomes Pereira (2011), o parecerista que demonstra competência e dinamismo para executar as avaliações pode se tornar apático, refratário às solicitações das revistas, se for sobrecarregado com demandas frequentes. Como consequência, “Essa sobrecarga pode implicar a elaboração de uma análise superficial e confecção de um parecer sem o nível de acurácia e contribuição adequados e esperados” (ANASTÁCIO DE PAULA; ARAÚJO; OLIVETO; MENDES, 2021b, p. 10).

Ao nosso ver, nas revistas discentes e/ou de fundação recente, os problemas decorrentes da avaliação por pares podem ser acentuados, ao menos em relação à proporção em que provavelmente ocorrem nas revistas administradas por doutores e/ou de fundação mais antiga, devido a alguns fatores. Em primeiro lugar, um dos componentes essenciais do “ciclo virtuoso” – que contribui para sustentar a atuação de bons pesquisadores na execução dos pareceres – tende a não se efetuar nas revistas discentes ou mais novas: o do prestígio ou da reputação. O fato de um periódico ser administrado por discentes e voltado a essa comunidade torna baixa, ou até inexistente, a probabilidade de atrair pareceristas já titulados, eventualmente interessados no prestígio e na reputação decorrentes dessa atividade. Não por acaso, temos observado que especialistas-doutores dificilmente se cadastram como pareceristas em revistas discentes.⁶ Evidentemente, uma alta titulação não garante, por si só, a qualidade de um parecer; por outro lado, não é

6 Na (ENTRE)LINHAS, costuma-se convidar diretamente, por e-mail, especialistas doutores não cadastrados como pareceristas, ou recorrer aos pesquisadores doutores que aceitaram integrar o Conselho Editorial e Conselho Científico desta revista.

desarrazoado supor que pesquisadores com mais tempo de vida acadêmica tenham maiores chances de elaborar avaliações detalhadas – embora um grau exacerbado de detalhamento, ou uma “erudição excessiva” também não sejam bem-vindos nas avaliações dos manuscritos (PEREIRA, 2011, p. 544).

Nas revistas discentes e/ou de fundação recente, o que experimentamos, na prática, é a atração de pareceristas ainda em formação: cursistas da pós-graduação, interessados, sem dúvida, na satisfação pessoal e no prestígio que essa atividade pode lhes ocasionar, mas – talvez em maior grau – interessados também na adição desse ofício aos seus currículos, por estarem mais sujeitos à participação em processos seletivos. Disso decorre um segundo problema, que parece ser próprio das revistas discentes: uma combinação, quase sempre negativa, entre a necessidade imediatista de certificação e a incompetência dos pareceristas para realizar a avaliação. Por incompetência, compreendemos o desconhecimento em relação ao tema do manuscrito, ou em relação à metodologia científica, conforme se elucidou há pouco a partir de Pereira (2011, p. 544). E isso não é necessariamente um demérito do parecerista-discente, mas uma decorrência do seu tempo de formação relativamente menor do que o de pareceristas já titulados. De outro modo, mesmo quando há competência em relação ao tema do manuscrito, não é incomum haver insegurança entre os pareceristas-discentes para avaliar o manuscrito, o que leva à elaboração de pareceres pouco detalhados, que pouco contribuem para o aprimoramento do manuscrito ou para a decisão do editor.

Outro problema que se impõe às revistas discentes, também decorrente dos anteriores, é a sobrecarga dos pareceristas – e não somente dos bons, conforme a definição de Pereira (2011, p. 544). Em geral, os cursos de pós-graduação consistem na especialização dos seus alunos em determinados temas. Nas Ciências Humanas – área na qual se inscreve a (ENTRE)LINHAS – os percursos de pesquisa costumam ser mais individuais, se comparados aos de outras áreas, essas mais dependentes de equipes de pesquisadores. A atuação coletiva de pesquisadores das Ciências Humanas, em geral, é facultativa, não determinante para o sucesso da pesquisa, embora sempre bem-vinda.

Dito de outro modo, na fase formativa, observamos a aproximação entre discentes que se interessam por temas em comum. Na contramão disso, a atividade de editor-discente exige que se tenha contato com especialistas de diversas áreas, aptos a serem designados para apreciar os diversos temas que chegam até às revistas discentes. Em função de tal isolamento, da ausência da interdisciplinaridade, ou da indisponibilidade para uma simbiose entre diferentes grupos de pesquisa, os editores-discentes acabam por se restringir à lista de pareceristas cadastrados nos sistemas das revistas, não podendo sugerir, eles mesmos, avaliadores que sejam especialistas em temas diferentes dos seus próprios interesses. Pode parecer paradoxal, mas a dificuldade em se encontrar pareceristas para um dossiê temático tende a ser menor do que a

dificuldade em se encontrar pareceristas para um volume editorial composto por artigos de temática livre. Assim, nas revistas discentes, avaliadores costumam ser sobrecarregados não somente pelo bom desempenho, mas também por serem, talvez, os únicos especialistas que manifestaram interesse em determinados temas.

Percebemos que esses desafios decorrem da natureza dos periódicos discentes, ou seja – como já foi dito – o fato de serem produzidos por discentes e voltados em maior grau a essa comunidade. Instituições reguladoras costumam atribuir baixas notas às revistas discentes e/ou de fundação recente, o que contribui para a permanência do gargalo 1) do alcance a pareceristas especializados, 2) da insegurança e da incompetência dos pareceristas-discentes na elaboração das avaliações, e 3) da dificuldade dos editores-discentes em alcançarem um número maior de especialistas, não atraídos pelo “baixo prestígio” decorrente, em última análise, da baixa avaliação atribuída pelas instituições reguladoras.

No entanto, as dificuldades relativas ao processo de avaliação dos manuscritos que incidem sobre as revistas discentes não são totalizantes, nem desqualificam esse tipo de publicação. Enunciar tais desafios constitutivos do funcionamento das revistas discentes tem por objetivo diagnosticar os problemas, e encaminhar, a partir do debate, as suas possíveis soluções.

A ECONOMIA DA DÁDIVA: UMA SAÍDA PARTICULARMENTE PROFÍCUA PARA AS REVISTAS DISCENTES

Embora o “ciclo virtuoso” que sustenta as revistas discentes e/ou de fundação recente experimente gargalos que dificultam o seu funcionamento, procede da própria força motriz desse ciclo uma possibilidade de atenuação desses problemas. Segundo a compreensão de Suely F. Deslandes e Antônio Augusto Moura Silva, no artigo *Revisão por pares: crise de demanda ou mudança de valores?*,

Por suas características, a prática da revisão por pares se aproxima se aproxima do que a vertente antropológica maussiana denomina de dom ritual, um sistema de trocas que se alicerça na tríade dar-receber-retribuir. Esse sistema, mais do que fazer circular dádivas, materializadas como bens ou serviços, estabelece vínculos (de amizade ou de rivalidade), obrigações e dívidas ético-morais. A dádiva ofertada ao outro estabelece a oportunidade deste também exercer o dom, demarcando um pertencimento àquela rede de sociabilidade e uma afirmação de sua persona⁷ (DESLANDES; SILVA, 2013, p. 421).

⁷ Também citado por ANASTÁCIO DE PAULA; ARAÚJO; OLIVETO; MENDES, 2021b, p. 7.

Segundo os autores, a avaliação prévia dos manuscritos se vale de uma espécie de economia da dádiva (MAUSS, 1974). Essa dinâmica se instaura da

seguinte maneira: ao realizar um parecer, o avaliador tende a se sentir prestigiado por ter sido considerado capaz pelos editores do periódico; em seguida, para retribuir aos editores, o avaliador aquiesce à solicitação e realiza o parecer com afinco. Desse modo, sente-se parte da comunidade científica, com a qual deseja – ou precisa – manter vínculo, contribuindo para ela e, mutuamente, beneficiando-se a partir dos meios que já citamos.

As revistas discentes, embora estejam sujeitas aos desafios já mencionados, parecem estar também mais sujeitas aos benefícios dessa “economia” da dádiva. Experimentamos isso na (ENTRE)LINHAS quando recorremos aos ex-editores – pessoas que conhecem o funcionamento técnico do periódico e a importância vital do parecer científico. O anterior pertencimento dessas pessoas à comissão editorial, e a virtual manutenção de uma rede de sociabilidade que inclui editores atuais e ex-editores (vinculados por uma instituição em comum e/ou por laços de amizade) favorece a incidência do sentimento de obrigação recíproca – fundamental na economia da dádiva. Porque se beneficiaram, em termos técnicos e subjetivos, de sua atuação na comissão editorial do periódico, os ex-editores são mobilizados por esse sentimento de obrigação recíproca e levados a não negar as solicitações de avaliação. Por fim, tendem a realizar bons pareceres.

Algo semelhante acontece quando se recorre aos ex-alunos da instituição que sedia a (ENTRE)LINHAS, ainda que eles não tenham sido editores. Em função da amizade que mantém com editores vigentes, do apressamento pela revista, e do encorajamento à iniciativa discente – designativo que os acompanhava até pouco tempo – os ex-alunos da instituição tendem a responder prontamente às demandas das revistas, produzindo avaliações que contribuem para o aprimoramento dos manuscritos.

Sabe-se, contudo, que recorrer a ex-editores ou ex-alunos não é o meio ideal para solucionar os problemas que, como temos dito, incidem particularmente sobre os processos avaliativos das revistas discentes, visto que essa prática tende a aumentar o funcionamento endógeno do periódico. Para mitigar esse efeito, também se designa como pareceristas os autores dos trabalhos já publicados pela revista discente⁸. Esta Comissão Editorial tem percebido que a comunicação com os autores amplia o conhecimento sobre as especialidades de um maior número de pesquisadores, a partir dos textos que eles próprios publicaram no periódico. Quando a interação entre autores e editores ocorre de forma cordial durante o processo de editoração dos seus manuscritos, instaura-se, mais uma vez, o sentimento de obrigação recíproca, o que leva tais autores a se tornarem avaliadores disponíveis. Assim, o periódico passa a contar tanto com o *know-how* de colaboradores familiarizados com seu trâmite editorial quanto com o conhecimento prévio acerca dos temas de interesse desses avaliadores.

8 Nas Políticas Editoriais da (ENTRE)LINHAS, explicamos que “Os(As) autores(as) que tiverem seus manuscritos aprovados e publicados serão automaticamente adicionados à lista de avaliadores ad hoc da Revista, podendo ser contatados para eventuais avaliações a partir de então”. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/entrelinhas/editorialpolicies>. Acessado em 06 de novembro de 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversas estratégias podem ser adotadas por diferentes comissões editoriais, com o objetivo de solucionar os problemas que incidem sobre os processos de avaliação dos manuscritos. Permanece como orientação eficaz a todas elas a proposta fundamental do curso *Avaliadores de Artigos Científicos*, a saber, a capacitação e a conscientização dos pesquisadores acerca da importância vital dessa atividade, desde as primeiras etapas do processo formativo acadêmico.

No que tange à capacitação, os conteudistas do curso – e, agora, nós – faz(emos) referência aos aspectos técnicos necessários para a realização de um bom parecer científico: atenção às orientações da revista, cumprimento dos prazos, indicação da indisponibilidade ou incapacidade para realizar um parecer, por possíveis conflitos de interesse ou desconhecimento quanto ao tema, entre muitas outras coisas. No que tange à conscientização, faz(emos) referência ao encorajamento de pesquisadores em formação, e daqueles já titulados, à participação ativa na comunidade científica a partir da atuação propositiva enquanto parecerista. Isso implica realizar pareceres que efetivamente possam promover o aprimoramento do manuscrito e das reflexões de seu autor, baseando-se, antes de qualquer coisa, na cordialidade.

É fato que a economia da dádiva, quando alicerçada em uma rede de sociabilidade de contato direto, ao nosso ver, tende a mitigar os desafios particularmente enfrentados pelas revistas discentes, e/ou de fundação recente. É o que temos experimentado na (ENTRE)LINHAS, ao contarmos seus antigos editores, antigos discentes do PPGHIS da UFOP e pesquisadores que nela já publicaram. Mas também é fato que a atenção das instituições reguladoras para com esse tipo de periódico, e da comunidade acadêmica já bem estabelecida (professores doutores), é fundamental para que a sobrevivência das revistas discentes não seja ameaçada. Dificuldades constantes que se impõem às iniciativas discentes.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. A qualidade das publicações científicas – considerações de um editor de área ao final do mandato. *Acta Botanica Brasílica*, v. 23, n. 01, p. 292-296, 2009.

ANASTÁCIO DE PAULA, Claudio Paixão; ARAÚJO, Eliane Pawlowski de Oliveira; OLIVETO, Fernanda; MENDES, Keila Rêgo. Introdução à comunicação científica. In: *Avaliadores de artigos científicos*. Brasília: Escola Nacional de Administração Pública, 2021.

_____. O avaliador. In: *Avaliadores de artigos científicos*. Brasília: Escola Nacional de Administração Pública, 2021.

_____. O processo de revisão. In: *Avaliadores de artigos científicos*. Brasília: Escola Nacional de Administração Pública, 2021.

DESLANDES, Suely F.; SILVA, Antônio Augusto Moura. Revisão por pares: crise de demanda ou mudança de valores? Editorial. *Cad. Saúde Pública*, v. 29, n. 3, p. 421-423, 2013.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. *Sociologia e Antropologia*. Vol. II. São Paulo: Edusp, 1974.

PEREIRA, Maurício Gomes. *Artigos científicos: como redigir, publicar e avaliar*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

Editorial – A muitas e dispostas mãos: a atividade de parecerista em um periódico discente

Resumo: Neste editorial, discutiremos algumas das observações do curso *Avaliadores de Artigos Científicos*, desenvolvido pela Escola Nacional de Administração Pública (ENAP). Começaremos por mencionar a importância histórica e estrutural da atividade de parecerista para o campo acadêmico, ressaltando as dimensões objetiva e subjetiva que incidem sobre a realização de um parecer científico, bem como os aspectos positivos e negativos delas decorrentes. Proporemos, ainda, uma observação verticalizada dos desafios que parecem se impor particularmente às revistas discentes, e/ou de fundação recente. Tais dificuldades não possuem uma raiz unívoca, conquanto uma geralmente seja decorrente da outra; do mesmo modo, a solução para alguma delas pode acabar por ampliar os efeitos negativos de outra, haja vista que constituem uma rede de desafios, interligados por núcleos autônomos e, ao mesmo tempo, conectados. Por fim, na última seção, abordaremos as estratégias que temos praticado enquanto Comissão Editorial, com o objetivo de sanar – de modo sempre parcial – as dificuldades que encontramos nos processos de avaliação dos manuscritos.

Palavras-chave: Editorial; Periódicos; Pareceres; Teoria da dádiva.

Editorial – By Many Willing Hands: the work of peer reviewers in a student-run journal

Abstract: In this editorial, we discuss some of the insights from the course *Evaluators of Scientific Articles*, developed by the National School of Public Administration (ENAP). We begin by addressing the historical and structural importance of peer review within the academic field, highlighting both the objective and subjective dimensions involved in producing a scientific review, as well as their associated positive and negative aspects. We also propose a more vertical examination of the challenges that seem to affect student-run and/or recently established journals in particular. These difficulties do not stem from a single cause; rather, one often emerges as a consequence of another. Likewise, solving one of these challenges may amplify the negative effects of another, since they form a network of interrelated issues, autonomous in their nuclei yet interconnected. Finally, in the last section, we discuss the strategies we have implemented as an Editorial Board to address – always partially – the difficulties we encounter throughout the manuscript evaluation process.

Keywords: Editorials; Academic journals; Peer reviews; Gift theory.

Recebido em: 06 de outubro de 2024
Aprovado em: 05 de novembro de 2025